

FEDERAÇÃO DAS  
ACADEMIAS DE  
HISTÓRIA



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE

**HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)**

**- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -**

**E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**370 anos da Segunda Batalha dos Guararapes - 230 anos da Inconfidência Mineira**

**130 anos da Proclamação da República - 120 anos da Revolução Acreana**

**ANO 2019**

**Dezembro**

**Nº 335**

## **A Guerra das Malvinas deu um susto nos militares brasileiros**

*Alexandre Galante*



**Caças Dassault Mirage III EBR – designados como F-103E na FAB**

**P**esquisando no arquivo digital da revista *Veja* sobre as matérias publicadas durante a Guerra das Malvinas em 1982, encontramos essa matéria intitulada “Menos manteiga – Guerra faz o Brasil rever suas defesas”, na edição nº 716 de 26 de maio de 1982, que tratava da preocupação dos militares brasileiros com relação aos armamentos empregados pelos argentinos.

## ARMAMENTOS

**Menos manteiga***Guerra faz o Brasil rever suas defesas*

**C**onvocados pelo presidente João Figueiredo, os seis ministros militares do governo\* reuniram-se na Granja do Torto, ao cair da tarde da segunda-feira passada, para uma minuciosa avaliação da guerra no Atlântico Sul, entre Argentina e Inglaterra. Durante exatos 90 minutos, Figueiredo fez uma reprodução de sua conversa com o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, sobre o conflito, e os militares discutiram as necessidades de reaparelhamento das Forças Armadas brasileiras. Sobretudo eles se revelaram surpreendidos com o

madras. Em 1971, por exemplo, os gastos militares representavam 1,98% do orçamento da União — que baixaria para 1% em 1978, menos do que gastam, proporcionalmente, países como, por exemplo, México, Chile, Peru, Colômbia e Venezuela. Mas qualquer alteração nesse quadro implica a adoção de uma de suas providências possíveis. A primeira é a busca de empréstimos no exterior para a compra de armamentos — e muitos chefes militares sonham com a compra de mísseis, aviões supersônicos, quem sabe até submarinos nucleares. Mas o caminho mais lógico para o país, segundo outros ministros, é o investimento no parque industrial brasileiro e em sua indústria bélica.

O ministro Walter Pires, por exemplo, já obteve a promessa do presidente de que terá uma verba extra para execu-



Os Mirage em Anápolis: dezesseis comprados na França e seis perdidos desde 1972

poder de fogo exibido até agora pela Argentina. “Nós não sabíamos que eles estavam tão bem equipados”, admitiu a VEJA um general de quatro estrelas.

Três dias antes, o ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, examinara com o ministro da Marinha, Maximiano Fonseca, a possibilidade de equipar o porta-aviões *Minas Gerais* com aviões de ataque. Maximiano, por sinal, é o ministro militar mais inquieto com a falta de recursos. Para reaparelhar adequadamente a Marinha, o ministro calcula que seriam necessários mais de 2,5 trilhões de cruzeiros em dez anos.

**TECNOLOGIA PRÓPRIA** — De fato, o Brasil investe pouco em suas Forças Ar-

tar um projeto de fabricação de carros de combates leves. Na Aeronáutica, que na última quinta-feira perdeu num acidente em Natal o sexto dos dezesseis caças Mirage adquiridos na França em 1972, o brigadeiro Délio Jardim de Mattos aposta no projeto de construção do AMX, um caça que está sendo desenvolvido juntamente com a empresa italiana Aermacchi.

Essa linha de ação, é claro, só vai produzir resultados a longo prazo — o ministro Delfim Netto calcula em dez anos o prazo para que o reequipamento das Forças Armadas, assim planejado, se complete. De imediato, impressionados com a superioridade demonstrada pelos soldados profissionais da Inglaterra na luta contra os recrutas argentinos, o governo brasileiro vai investir no reforço dos corpos de pára-quedistas e fuzileiros navais — as únicas unidades de elite profissionais das Forças Armadas. ●

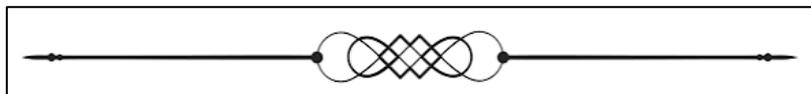
\* Délio Jardim de Mattos (Aeronáutica), Walter Pires (Exército), Maximiano Fonseca (Marinha), Octávio Medeiros (SNI), Alacyr Frederico Werner (EMFA) e Danilo Venturini (Gabinete Militar).

A matéria diz que os militares foram surpreendidos pelo poder de fogo exibido pela Argentina. O texto relembra alguns fatos interessantes, como o plano da FAB e da Marinha do Brasil para equipar o porta-aviões Minas Gerais com jatos de ataque, o que acabou acontecendo somente no final dos anos 90, quando a MB recuperou o direito de operar aeronaves de asa fixa e adquiriu os A-4 Skyhawk do Kuwait.

A questão do baixo percentual dos gastos militares em relação ao PIB também é abordada, assim como a preferência de alguns ministros em investir na indústria bélica nacional.

A FAB tinha acabado de perder seu sexto Mirage III em acidente(\*), enquanto investia no projeto AMX com a Itália.

*(\* Em 1980 já haviam sido recebidos três aviões de reposição usados, dos estoques franceses, do tipo monoposto, conforme contrato de 1977. E em 1983 seria assinado contrato de dois aviões do tipo biposto. Outros contratos de compras de usados na França, nos anos 80 e 90, continuariam a compensar as perdas.*



### **A SAGA DE ESTELA BORGES MORATO, A POLICIAL DO DOPS**

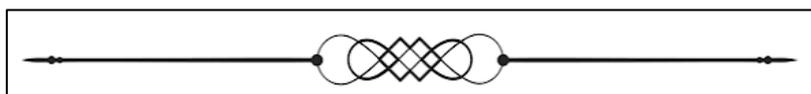
Gabriel Ceroni Lied

**E**stela Borges Morato (1947-1969) foi talvez uma das primeiras mulheres concursadas a ingressar no serviço público brasileiro. Durante uma emboscada para prender o subversivo Marighella – na Alameda Casa Branca, próximo ao Centro da capital paulista – o delegado Fleury deu a voz de prisão ao terrorista Marighella, porém este "heróico" guerrilheiro tentou se esconder atrás de um fusca e seus dois capangas reagiram e alvejaram os agentes do DOPS de São Paulo, inclusive a jovem moça de 22 anos.



Estela veio a falecer dois dias depois, em razão de um tiro na testa. Durante o tiroteio, foi também vitimado o dentista Friederich Adolf Rohmann, que estava dirigindo e nada tinha a ver com a história.

É este Marighella – um psicopata ensandecido cuja "Aliança Libertadora Nacional" (que dois meses antes havia sequestrado o embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick) não teve receio de atirar numa mulher – que o Wagner Moura pretende homenagear. Depois não entendem por que o Brasil virou uma algazarra sanguinolenta, com uma guerra civil que se alastra há mais de vinte anos, tomando anualmente a vida de 70 mil. Numa nação onde a elite idolatra tipos como Marighella e esquecem o senso patriótico e a coragem de Estela, é natural que a vida humana já não valha nada.



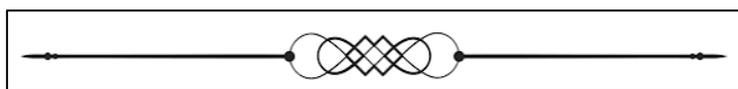
## EXCERTOS DA PARTICIPAÇÃO DA FEB NA 2ª GUERRA MUNDIAL

**O** Chanceler Oswaldo Euclides de Souza Aranha teve uma importante participação no processo que levou o Brasil a reagir contra o Eixo e deslocar tropas para o front europeu, que foi a epopeia da Força Expedicionária Brasileira.

Em estudo sobre os objetivos a serem alcançados pelo Brasil durante e pós a guerra, Aranha listava os onze abaixo relacionados:

1. uma melhor posição na política mundial;
2. uma melhor posição na política com os países vizinhos;
3. uma mais confiante e íntima solidariedade com os Estados Unidos;
4. uma ascendência cada vez maior sobre Portugal e suas possessões;
5. criação de um poder marítimo;
6. criação de um poder aéreo;
7. criação de um parque industrial para as indústrias pesadas;
8. criação da indústria bélica;
9. criação das indústrias agrícolas, extrativas e de minérios leves complementares dos norte-americanos e necessários à reconstrução mundial;
10. extensão de suas vias férreas e rodovias para fins econômicos e estratégicos;
11. exploração de combustíveis essenciais.

Fonte: McCANN Jr., Frank D. Aliança Brasil Estados Unidos 1937/1945. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1995, p. 244.



## O AFUNDAMENTO DOS NAVIOS BRASILEIROS E AS MEMÓRIAS DO ALMIRANTE ALEMÃO KARL DOENITZ

**O**s trechos abaixo reproduzidos do livro de memórias do Almirante alemão Doenitz são bem esclarecedores sobre os ataques de submarinos alemães e italianos a navios mercantes brasileiros, contexto que levou o Brasil a declarar guerra ao Eixo:

Fonte: KARL, Doenitz, Almirante. Dez Anos e Vinte e Dois Dias - Memórias. London: Weidenfeld and Nicolson, 1958.

Capítulo 13º - As batalhas dos comboios e operações em águas distantes. Julho-setembro, 1942. Pag. 239:

"Finalmente, havia a possibilidade de operações ao largo da costa do Brasil. Nossas relações políticas com aquele País vinham há já algum tempo cada vez mais se deteriorando e as ordens emitidas pelo Alto Comando Naval referentes à nossa atitude para com a navegação brasileira se agravaram em correspondência.

"Em 27 de janeiro de 1942, como um resultado do estado de guerra que existia entre os Estados Unidos e nós, o Brasil rompeu conosco relações diplomáticas. Até esta data nenhum navio brasileiro havia sido afundado por submarino alemão.

"Mesmo quando a zona de segurança norte-americana havia sido declarada como teatro de operações, em 9 de dezembro de 1941, os *U-boats* continuaram a evitar a zona Pan-Americana do Atlântico, ao Sul da latitude 20° N. Depois que

o Brasil rompeu relações diplomáticas, seus navios continuaram a ser tratados da mesma maneira que os de todos os outros Estados neutros, desde que fossem reconhecidos e agissem como neutros, de acordo com a convenção internacional.

"No entanto, entre fevereiro e abril de 1942, os *U-boats* torpedearam e afundaram sete navios brasileiros, com todo o direito de fazê-lo de acordo com o estabelecido na Convenção de Praças de Guerra (Prize Ordinance), desde que os capitães dos *U-boats* não puderam reconhecer suas identidades de neutros. Estavam navegando sem luzes em curso de zigzague, alguns deles armados e alguns pintados de cinza e nenhum deles ostentava uma bandeira ou signo de sua identidade de neutro.

"Depois disso mais e mais navios brasileiros montaram canhões até que toda sua Marinha Mercante estava armada.

Em consequência, o Alto Comando Naval emitiu ordens, em 16 de maio, de que os navios de todos os Estados sul-americanos que estivessem armados podiam ser atacados sem aviso, exceto os da Argentina e Chile.

"No fim de maio, o Ministro da Aeronáutica brasileiro anunciou que um avião brasileiro tinha atacado submarinos do Eixo e que continuaria a fazê-lo.

"Sem nenhuma declaração formal, achamo-nos assim num estado de guerra com o Brasil, e a 4 de julho os *U-boats* receberam permissão dos nossos líderes políticos de atacarem todos os navios brasileiros.

"Na primeira semana de julho, quando estávamos planejando as próximas operações dilatadas de *U-boats*, perguntei ao Ministro do Exterior se haveria alguma objeção às planejadas operações ao largo do estuário do Rio da Prata, área de reunião para os navios-frigoríficos que eram tão importantes no suprimento de carne da Inglaterra. Sem considerar a opinião da Argentina, o Ministro do Exterior negou permissão para qualquer operação ao largo das costas daquele País, mas não fez objeção à continuação de nossas atividades ao largo do Brasil, que haviam sido permitidas em maio e que estavam em progresso desde então. Decidi portanto mandar, em associação com as operações planejadas contra o tráfego de navios Norte-Sul ao largo de Freetown, mais um barco para a costa brasileira.

"Do outro lado do estreito entre a África e a América do Sul, o U-507 (Tenente-Comandante Schacht) estava operando. Ali, fora das águas territoriais, ele afundou cinco navios brasileiros. Nisto ele agia de acordo com as instruções expedidas, com a cooperação do Ministro do Exterior, pelo Quartel-Ge-neral das Forças Armadas. O Governo brasileiro tomou o afundamento destes navios como ocasião para declarar guerra à Alemanha. Embora isto não tivesse em nada alterado nossas relações existentes com o Brasil, que já havia tomado parte em atos hostis contra nós, foi sem dúvida um erro levar o Brasil a uma declaração oficial; politicamente deveríamos ter sido melhor aconselhados para evitar tal fato. O U-Boat Command, porém, e o capitão do U-Boat envolvido, como membros das Forças Armadas, não tinham senão que obedecer as ordens que lhe haviam sido dadas; não competia a eles pesar e calcular as consequências políticas."

Pag. 149 - "Em 5 de maio cheguei à conclusão de que qualquer outra tentativa de operações em conjunto (com os italianos) seria inútil e decidi abandonar a ideia. Em 15 de maio tive uma conferência com o Almirante Parona, na qual estabelecemos os seguintes teatros de operações para os italianos:

- a) A área a Oeste de Gibraltar;
- b) Uma área no Atlântico Norte, ao sul da área alemã; e



Aos oficiais de carreira, da AMAN: você lembra da canção Brasão do Cadete? Aqui está ela. Ouça o áudio no google

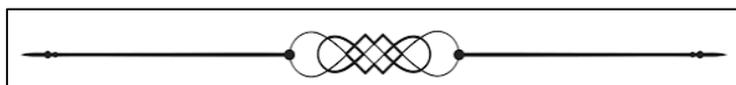
**Canção Brasão do Cadete**  
**Letra: Diderot D. Barreto Góes**  
**Música: Célio Monteiro Fernandes**

**Jamais outro brado**  
**Mais forte entoado**  
**Será**  
**Pelo Brasil**  
**Clarins da vitória**  
**Cobertos de glória**  
**Por todo o céu ecoarão**  
**A fama levando**  
**A pátria lembrando**  
**Que seus jovens cadetes**

**Não vacilarão** } Bis  
**Em defender o seu brasão**

**Bandeira altaneira**  
**Audaz e guerreira**  
**No mundo, és a primeira**  
**Por nós exaltada**  
**Jamais ultrajada**  
**Juramos sempre defendê-la**  
**Clamemos com ardor**  
**Com força e vigor**  
**Que seus jovens cadetes**

**Não vacilarão** } Bis  
**Em defender o seu brasão**



**Editor:**

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)

Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br)

Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nucleo.com](http://www.nucleo.com)

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE -Delegacia Heróis de Guararapes:

"<http://historiapatriota.blogspot.com/>".